

## Vicente Licínio Cardozo

### Um capítulo desconhecido da história da filosofia atual no Brasil

LUIS WASHINGTON

Instituto Brasileiro de Filosofia, São Paulo

As poucas tentativas, que andam por aí, sôbre a evolução do pensamento brasileiro, dispensam-se de analisar os pensadores atuais do Brasil. As mais completas param em Faritas Brito e nos positivistas. No entanto, pelo menos dois pensadores contemporâneos merecem ser incluídos nessas resenhas: Manuel Amoroso Costa e Vicente Licínio Cardozo. Ambos engenheiros e ambos professores da Escola Politécnica do Rio de Janeiro, se parecem também no destino de suas vidas e na predileção de seus estudos. Divulgador e também original pensador da filosofia das ciências, principalmente das especulações matemáticas, Amoroso Costa, no mesmo ano da publicação de sua obra principal — *As idéias fundamentais da matemática*. 1929 — morre num desastre de aviação; Vicente Licínio Cardozo, em 1931, suicida-se. Estas mortes violentas e prematuras vieram colher os dois filósofos ainda no vigôr de suas idéias e em plena labor intelectual. E o muito que se esperava dêles, com êles se findou. Contudo, de suas obras inacabadas, que mundo de idéias se pode colhêr! Principalmente de Vicente Licínio Cardozo, que levou tôda sua breve vida ampliando um livro que começou como uma breve observação num relatório sôbre a arquitetura norte-americana, observação essa ampliada um ano depois, em 1917, no *Prefácio à filosofia da arte*, e desdobrada, já agora num tratado em sua *Filosofia da arte*. No entanto, não seria êsse o ponto final, a edição definitiva, pois a publicação da segunda tiragem dêsse livro (póstuma) vem bordada de inúmeras notas, acrescentadas pelo editor, de trechos assinalados por Vicente Licínio Cardozo para posterior desenvolvimento. Trata-se, pois, duma obra inacabada quase o que levou Agripino Grieco a dizer: “A rigôr, Vicente Licínio Car-

dozo não se completou, não nos legou o seu grande livro”. No pontô em que êle ficou, porém, é bastante para consagrar qualquer pensador. E Vicente Licínio Cardozo fica perfeitamente enquadrado entre os grandes filósofos contemporâneos, ainda que êles se chamem Croce ou Marcel, Ortega ou Heidegger, Carlos Astrada ou Leonardo Coimbra.

Com efeito, a *Filosofia da arte* é algo inédito em tôda a literatura filosófica brasileira e um dos trabalhos mais sérios no gênero. Sendo um amplo estudo da posição da arte dentro da totalidade dos saberes e atitudes humanos, Vicente Licínio Cardozo, numa luminosa intuição, distinguiu à filosofia da arte da estética propriamente dita, uma vez que esta, a seu ver, devia limitar-se aos valores apenas. Mas, além disso, seu achado maior foram as noções capitais e fundamentais para o estabelecimento duma possível filosofia da arte, quando concebe a arte como função do meio, a variação do grau de ideal em arte e a arte como meio de expressão das civilizações. A primeira noção, convenientemente desenvolvida, leva à apresentação da arte como fruto natural, fixo e definido de uma civilização: sem ela não há apresentação perfeita da arte. A segunda leva ao estabelecimento da lei geral, segundo a qual cada arte evolui. A isto chama Vicente Licínio Cardozo de lei do idealismo. A terceira noção, finalmente, leva ao estabelecimento da variação das artes, de acôrdo com o evoluir das civilizações (lei de espiritualidade).

Vicente Licínio Cardozo encara essa evolução triática das artes como fenômeno cultural, ou melhor, como objetivação social, isto é, determinada em forma e conteúdo pela estrutura social, ligando-a desta forma tanto às contingências históricas quanto às sociológicas. E duas influências são presentes aqui: Comte e Vico. De resto, em cada página quase aparecem os nomes dêsses dois filósofos. E sempre precedidos por adjetivos elogiosos. Vico é “gênio” e Comte é “augusto” (não obstante o trocadilho...). Esta bombástica adjetivação não impede Vicente Licínio Cardozo de esclarecer, numa nota de barra de página: “Quando nos referimos a Comte é sempre, exclusivamente, ao matemático profundo e ao grande filósofo, isolando-o sempre, implicitamente, da parte de sua obra relativa ao positivismo como religião. Mais-a-mais, reconhecendo nêle o maior gênio produzido pela civilização européia, estamos no entanto muito longe de aceitar a totalidade de seus princípios, de suas afirmações e de seus ensinamentos, mesmo pondo de lado tudo quanto se refere à religião da humanidade, como

acabamos de dizer”. Esta independência fá-lo saltar da ortodoxia positivista, aceitando de Comte algumas esquemas norteadores, e assim mesmo definindo-os à sua maneira. Assim, quando propõe uma filosofia positiva da arte, esclarece: “Empregamos a expressão filosofia positiva com o mesmo espírito que levava Comte a usar êsse pleonasma, consequência natural, por sua vez, do fato da palavra filosofia haver sido abertamente empregada para uma série vasta de estudos metafisicamente levados a efeito. O termo positivo é definido por duas noções por êle mesmo encerradas: a de generalidade do conceito em sua aplicação à humanidade e a de relatividade de tôda verdade apreendida pelo homem. Filosofia positiva da arte indica a sistematização de todos os nossos conhecimentos sôbre as manifestações artísticas no tempo e no espaço da história: contém, em síntese, as leis, as tendências e os princípios que definem a evolução das artes e encerra, pela análise, a compreensão e a explicação dos desenvolvimentos artísticos da humanidade. É positiva por ser, ao mesmo tempo, geral e relativa”.

Esta delimitação do positivismo de Vicente Licínio Cardozo é consequente de seu apêgo à filosofia da história de Vico, já que lhe repugnava a ecumenicidade da história. Diz Vicente Licínio Cardozo: “Em vez da aplicação da lei (dos três estados) a vários organismos, Comte apresentou tôda a história como sendo o relato da aplicação una da lei a tôda a humanidade”. Não obstante, tenta uma síntese do filósofo do *Curso de filosofia positiva* com o filósofo da *Ciência Nova*, onde aparecem termos peculiares a êstes dois pensadores: “Acreditamos que cada civilização tende a seguir a lei dos três estados, sem que nenhuma delas, entretanto, tenha ainda atingido o estado positivo. As ações e reações que se desenvolvem entre civilizações contemporâneas, determinam nelas profundas modificações, chegando por vêzes até à assimilação e à absorção”. Isto tudo porque —conclui Vicente Licínio Cardozo— “Vico que teve, aliás genialmente para a época, a verdadeira noção de que a história da humanidade deveria ser o relato do desenvolvimento de organismos sociais sujeitos a ciclos evolutivos”. Munido da lei comteana da história, retemperada pela noção dos cursos e recursos viqueanos, pôde então o filósofo brasileiro esboçar sua filosofia da arte. Os germes estavam em Comte, mas as bases definitivas só aparecem com o filósofo brasileiro. E mais fecundas, porquanto, aceitando as idéias gerais de Vico, não obstante sua formação

positivista, adicionava por isso mesmo os ciclos culturais à evolução da teologia à positividade.

Nisto consiste, em larguíssimos traços, a estrutura sôbre a qual repousa a filosofia da arte de Vicente Licínio Cardozo. Mero arcabouço, sua exposição mais pormenorizada exigiria maiores espaços, impossível à vista das limitações regimentais do Primeiro Congresso Nacional de Filosofia. De qualquer forma, porém, esta sintética “fachada” já nos dá uma idéia da grandiosidade do edifício construído por Vicente Licínio Cardozo, um dos maiores pensadores brasileiros, ainda clandestino não obstante a pureza e elevação de sua mensagem filosófica. Assim sendo, só nos resta agradecer à Universidade de Cuyo esta oportunidade para, aproveitando-nos do ensêjo de vermos se congregarem aí as mais expressivas figuras do pensamento atual, revelarmos para essas mesmas figuras o pensamento digno de todo aprêço de um filósofo brasileiro que, de maneira tão injusta, é inteiramente desconhecido até mesmo em sua pátria.